

Filosofia Unisinos
Unisinos Journal of Philosophy
26(2): 1-8, 2025 | e26214

Editores responsáveis:
Inácio Helfer
Leonardo Marques Kussler
Luís Miguel Rechiki Meirelles

Doi: 10.4013/fsu.2025.262.14

Declaração de Disponibilidade de Dados:
Todo o conjunto de dados que dá suporte
aos resultados deste estudo foi publicado
no próprio artigo.

Tradução

Notas de leitura — Proust¹

Reading Notes — Proust

Notes de lecture — Proust

Tiago Nunes Soares Schweiger²

<https://orcid.org/0000-0002-7795-8116>

Universidade de São Paulo – USP, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: tnschw@usp.br

RESUMO

Tradução de um anexo presente na obra *L'institution, la passivité: notes de cours au Collège de France* (1954-1955), no qual Merleau-Ponty apresenta anotações de leitura sobre o romance *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust.

Palavras-chave: Merleau-Ponty, Proust, memória, corpo.

ABSTRACT

Translation of an appendix in the work *L'institution, la passivité: notes de cours au Collège de France* (1954-1955), in which Merleau-Ponty presents reading notes on the novel *In Search of Lost Time*, by Marcel Proust.

Keywords: Merleau-Ponty, Proust, memory, body.

¹ Tradução de: MERLEAU-PONTY, Maurice. Notes de lecture – Proust. In: *L'institution, la passivité: notes de cours au Collège de France* (1954-1955). Paris: Belin, 2003, pp. 271- 278.

² Doutorando em Filosofia pela USP/FFLCH. Lattes ID: 8975336888358850.



RÉSUMÉ

Traduction d'une annexe présente dans l'œuvre *L'institution, la passivité: notes de cours au Collège de France (1954-1955)*, dans laquelle Merleau-Ponty présente des notes de lecture sur le roman *À la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust.

Mots-clés: Merleau-Ponty, Proust, mémoire, corps.

1 Apresentação³

O leitor encontrará aqui uma tradução das notas de leitura de Merleau-Ponty sobre o clássico romance *Em busca do tempo perdido*, presentes como anexo na obra *L'institution, la passivité*⁴. Essas notas, apesar de não serem muito extensas, trazem trechos do romance destacados pelo próprio filósofo e reflexões bastante interessantes sobre a memória e sua relação com o corpo. O objetivo da tradução é oferecer ao público falante de português a possibilidade de entrar em contato com um material bastante rico e contribuir com as pesquisas no campo da filosofia.

Para os leitores de Merleau-Ponty, não é novidade o fato de o filósofo manter relações com áreas para além da filosofia. Contudo, nunca é demais lembrar de sua relevância em seu projeto filosófico.

Considero importante destacar os diálogos estabelecidos por Merleau-Ponty com outros campos expressivos, não para mostrar sua filosofia como exercício de erudição (ele parece estar longe de tal postura), mas para encarar como de fato ela se enriquece nesses diálogos, que vão das pesquisas na área da psicologia até reflexões construídas a partir da literatura, como ficará muito evidente nas notas traduzidas apresentadas adiante. O mais interessante, nesse sentido, não é o fato de o filósofo ter feito anotações ou pesquisas sobre outras áreas, mas seu ânimo de fazer a filosofia nascer desse diálogo com elas, não a utilizando como instrumento de valoração de outros campos.

Quando lê *Em busca do tempo perdido*, o filósofo se depara com possibilidades de reflexão, vê ali elementos para uma filosofia, e não apenas o valor literário da obra. Desse modo, ao tecer suas anotações sobre a leitura, ele não parece estar realizando uma crítica da obra, mas pensando a partir dela e, mais do que isso, com ela, problemas essencialmente filosóficos.

Como pano de fundo das reflexões nascidas dessa leitura, parece haver a ideia de uma não heterogeneidade absoluta entre elementos tomados como antagônicos, mas também uma não homogeneidade total. Trata-se de levar em conta o caráter relacional e, por que não dizer, diacrítico de elementos como o espaço e o tempo, a memória e a realidade, o sono e a vigília, o imaginário e o factual, todos eles relacionados por terem em comum o corpo como espécie de ponto referencial — corpo este que participa deles não exatamente como sua origem, mas como catalisador — no qual eles se imiscuem no desenrolar espontâneo da existência, não causados estritamente pelo entendimento.

Estamos diante de considerações sobre a estranheza de nossas relações com o mundo, de nossa presença nele como existência corporal, perceptiva, imaginante, onírica e vigilante, sem que possamos traçar exatamente as fronteiras entre essas dimensões que nos acometem.

³ A publicação desse texto de Merleau-Ponty em português foi autorizada pela editora Belin, responsável pela publicação da obra *L'institution, la passivité*, com texto estabelecido por Dominique Darmaillacq, Claude Lefort e Stéphanie Ménasé. Sinceros agradecimentos à Camille Couture, por meio de quem a autorização foi concedida. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice. *L'institution, la passivité: notes de cours au Collège de France (1954-1955)*. Paris: Belin, 2003, pp. 271- 278.

1.1 Observações sobre a tradução

Para evitar problemas com as referências à obra de Proust, como possíveis diferenças nas escolhas editoriais, optei por mantê-las tal como apresentadas no texto do filósofo em edição francesa, sem fornecer referências complementares a alguma edição já traduzida da obra do romancista.

Como a obra *Em busca do tempo perdido* é composta por diferentes volumes, uma lista de siglas pode auxiliar no entendimento das referências dadas pelo filósofo ao longo de suas anotações.

G Le Côté de Guermantes
JF À l'ombre des jeunes filles en fleurs
P La Prisonnière
S Du côté de chez Swann
TR Le Temps retrouvé

As observações nas notas de rodapé são de autoria dos editores da obra, não constituindo, portanto, notas de tradução.

2 Notas de leitura — Proust

[Notas de leitura]^a

[PROUST – MEMÓRIA]

Proust, *Memória* [237]

S (2), p. 300^b

Não faz sentido procurar na realidade o equivalente da lembrança^{*1} — (A lembrança não é nem um passado reproduzido ou conservado, nem um passado falsificado) — A memória deforma a realidade^{*2}, que, no entanto, só nela se forma como realidade. E, contudo, há uma memória que dá o passado “em si”: p.ex. aquela das lembranças temporariamente esquecidas^{*3 c}.

[.....]

Proust - Memória [238] (1)

“[...] A contradição de buscar na realidade os quadros da memória, que careceriam sempre do encanto que vem da própria memória e do fato de não serem percebidos pelos sentidos. [...] Os lugares que conhecemos sequer pertencem ao mundo do espaço onde os situamos por maior conveniência [...]” (S II, p. 300)^d.

“É sobretudo como se pensasse nas profundas jazidas do meu solo mental, no terreno resistente em que ainda me apoio, que devo pensar no lado de Méséglise e no lado de Guermantes. É porque eu acreditava nas coisas, nos seres, à medida que os percorria, que as coisas, os seres que elas me fizeram conhecer, são os únicos que ainda levo a sério e que ainda me dão alegria. Seja porque a fé que cria secou em mim, ou porque realidade só se forma na memória, as flores que hoje se me mostram pela primeira vez não me parecem flores verdadeiras» (S I, p. 265^e).

a. Os colchetes no corpo do texto são do próprio autor. Em geral, eles enquadram os comentários do autor.

b. As passagens de *À La Recherche...* de Proust, listadas por Merleau-Ponty, referem-se à edição da NRF, « collection blanche ».

*1. “S (2), p. 215.”

*2. “S (1), p. 265.”

*3. “JF (2), p. 60.”

c. Em seguida, uma lista de passagens de *À La Recherche...*

d. “Bibliothèque de la Pléiade”, t. I, p. 427.

e. “Bibliothèque de la Pléiade”, vol. I, p. 184.

[Só há fé no passado — O real indubitável e inacessível — distância e realidade são uma coisa só — Mediação.]

“Como [o hábito] enfraquece tudo, o que melhor nos faz lembrar um ser é justamente o que havíamos esquecido (porque era insignificante, e assim havíamos deixado toda a sua força). É porque a melhor parte de nossa memória está fora de nós, em uma lufada de chuva, no cheiro de um cômodo fechado, ou no cheiro de uma primeira labareda, onde quer que redescubramos de nós mesmos aquilo que nossa inteligência [...] havia desdenhado [...]”. (JF II, p. 60)^f.

“É somente graças a esse esquecimento que podemos, de tempos em tempos, reencontrar o ser que já fomos, colocarmo-nos face às coisas como aquele ser era, sofrer novamente, porque não somos mais nós, mas ele, e ele amava o que agora nos é indiferente”. (JF II, p. 61)^g.

[Indução de um eu por uma modulação de campo: cf. as árvores que pedem para serem ditas, que buscam elas mesmas o lugar da palavra. Da mesma forma, aqui um cheiro pede para ser reabastecido pelo eu do qual ele é o emblema. Cf. o passado preso nos arbustos como lâ — Problema da passividade — pode-se sempre dizer: esses fatos só têm esse sentido porque eu o dou a eles — O que é verdade é que eles não o teriam *sem mim*, i.e. sem minha posse em princípio de todo o passado. Mas eles não o têm *por mim*, e essa posse é o ato comum a mim e ao cheiro. De minha parte, tenho apenas a possibilidade universal da memória.]

“[...] Nós não o reencontraríamos mais [o passado], se algumas palavras (como “diretor do ministério dos Correios”) não tivessem sido cuidadosamente trancadas no esquecimento, da mesma forma que uma exemplar de um livro é depositado na Biblioteca Nacional, que de outra forma correria o risco de se tornar inencontrável.” (JF II, p. 61)^h.

[239] (2) [Esquecimento: a lembrança é salva justamente porque é inacessível. Cf. Freud: como é errôneo acreditar que a sobrevivência da lembrança é “conservação”. O passado existe sob o modo do esquecimento].

[Paradoxalmente, é na ordem do *para outros* que há “decisões”, “escolhas”, “engajamentos”, uma história composta por significações projetadas; para mim, não sou nada disso, se for honesto: sei muito bem que comecei ou deixei de pensar isso ou aquilo antes de dizê-lo ou de deixar de dizê-lo, e que o que eu disse nunca foi tudo o que pensei, ao menos quando foi algo categórico e quando eu tinha uma “posição”, fechar os olhos para tudo isso, passar por cima disso em silêncio, é adotar por princípio uma teoria do sujeito que é uma visão externa sobre o sujeito; e é renunciar ao que é, contudo, o único objetivo honroso que se pode propor a si mesmo ao escrever: viver diante dos outros e de si mesmo de maneira indivisível.]

Memória do corpo

“Um homem adormecido sustenta, em círculo ao seu redor, o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos. Ele os consulta instintivamente quando acorda e lê neles, em um segundo, o ponto da terra que ocupa, o tempo que passou até que ele acordasse; mas essa ordem pode se misturar, se romper. Se, pela manhã, depois de uma noite insone, o sono o pegar enquanto lê, em uma postura muito diferente daquela em que ele normalmente dorme, seu braço erguido é o suficiente para parar o sol e fazê-lo retroceder, e no primeiro minuto ao acordar não saberá mais que horas são, pensará que acabou de ir para a cama. Se ele cochilar em uma posição ainda mais deslocada e diversa, por exemplo, depois do jantar, sentado em uma poltrona, então a agitação será completa nos mundos desorbitados, a poltrona mágica o fará viajar a

f. “Bibliothèque de la Pléiade”, vol. I, p. 643.

g. “Bibliothèque de la Pléiade”, vol. I, p. 643.

h. “Bibliothèque de la Pléiade”, vol. I, p. 643.

toda velocidade no tempo e no espaço e, quando ele abrir as pálpebras, acreditará estar deitado na cama alguns meses antes em outra região. Mas bastaria que eu caísse em um sono profundo em minha própria cama e relaxasse completamente meu espírito; então, ele abandonaria o plano do lugar onde eu havia adormecido, e quando eu acordasse no meio da noite, como não saberia onde estava, a princípio nem saberia quem eu era; tinha apenas, em sua simplicidade primitiva, o sentimento de existência tal como pode fremir nas profundezas de um animal; eu era mais desprovido do que o homem das cavernas; mas então a lembrança — não ainda do lugar onde eu estava, mas de alguns dos lugares onde havia morado e poderia estar — veio a mim como um socorro do alto para me tirar do nada do qual eu não poderia ter saído sozinho; em um segundo, passei por séculos de civilização e a imagem fracamente vislumbada de lamparinas de querosene e depois de camisas de gola dobrada, gradualmente reconstruíram as características originais do meu eu.

Talvez a imobilidade das coisas ao nosso redor seja imposta a elas por nossa certeza de que são elas mesmas e não outras, pela imobilidade de nosso pensamento com relação a delas. De qualquer forma, quando acordava dessa maneira, com o espírito agitado enquanto tentava, **(3)** sem sucesso, descobrir onde eu estava, tudo girava ao meu redor na escuridão: coisas, países, anos. Meu corpo, entorpecido demais para se mover, tentava, conforme seu cansaço permitia, situar a posição de seus membros para inferir a direção da parede, o lugar dos móveis, para reconstruir e nomear a habitação onde estava. Sua memória, a memória de suas costelas, seus joelhos, seus ombros, apresentava-lhe sucessivamente vários dos quartos onde havia dormido, enquanto ao seu redor as paredes invisíveis, mudando de lugar de acordo com a forma do cômodo imaginado, rodopiavam na escuridão. E antes mesmo que meu pensamento, que hesitava no limiar dos tempos e das formas, tivesse identificado a habitação reunindo as circunstâncias, ele — meu corpo — lembrava de cada uma delas, o tipo de cama, o lugar das portas, o lado para onde davam as janelas, a existência de um corredor, junto com o pensamento que eu tive quando adormeci ali e que reencontrei quando acordei. Meu flanco enrijecido, tentando adivinhar sua orientação, imaginava, por exemplo, estar deitado ao longo da parede em uma grande cama de dossel, e eu imediatamente dizia a mim mesmo: “Bem, acabei adormecendo antes que mamãe viesse me dar boa noite”, eu estava no campo na casa de meu avô que havia morrido há muitos anos; e meu corpo, o flanco sobre o qual eu estava deitado, guardião fiel de um passado que meu espírito nunca deveria esquecer, me lembrava da chama da lâmpada de cristal da Boêmia, em forma de urna, suspensa do teto por pequenas correntes, da lareira de mármore de Siena, no meu quarto em Combray, na casa dos meus avós, em dias distantes que, naquele momento, eu julgava serem atuais sem representá-los exatamente, e que eu tornaria a ver bem melhor, em breve, quando estivesse totalmente acordado.

Então renascia a lembrança de uma nova atitude; a parede fugia em outra direção: eu estava em meu quarto na casa da madame de Saint-Loup, no campo; meu Deus! São pelo menos dez horas, devem ter acabado de jantar! Eu devo ter ultrapassado o horário da sesta que faço todas as tardes, quando volto do meu passeio com a madame de Saint-Loup, antes de vestir a casaca. Muitos anos haviam passado desde o tempo de Combray onde, em nossos retornos tardios, eram os reflexos vermelhos do pôr do sol que eu via nos vidros de minha janela. É um tipo diferente de vida que se leva em Tansonville, na casa da madame de Saint-Loup, um tipo diferente de prazer que encontro em sair apenas à noite, seguindo ao luar os caminhos onde eu costumava brincar ao sol; e o quarto onde terei adormecido em vez de me preparar para o jantar, posso vê-lo de longe, quando voltamos, iluminado pelo clarão da lâmpada, único farol na noite.

Essas evocações turbilhonantes e confusas nunca duravam mais do que alguns segundos; muitas vezes, minha breve incerteza quanto ao lugar em que eu me encontrava não distinguia umas das outras as várias suposições das quais **[241](4)** ela era feita, da mesma forma que não isolamos, ao ver um cavalo correr, as sucessivas posições que nos são mostradas pelo cinescópio. Mas eu havia revisitado, ora um ora outro, os quartos em que havia habitado durante minha vida, e acabei me lembrando de todos nos longos devaneios que se seguiam ao despertar [...].

Com certeza eu estava bem acordado agora, meu corpo havia girado uma última vez e o bom anjo da certeza havia parado tudo ao meu redor, havia me colocado debaixo das cobertas, no meu quarto, e colocara minha cômoda, minha escrivaninha, a lareira, a janela com vista para a rua e as duas portas aproximadamente em seus devidos lugares na escuridão. Mas [...] minha memória fora reavivada [...] passava a maior parte da noite relembando nossa antiga vida [...]” (S I, pp. 15-19)ⁱ.

[Um homem dormindo não está em lugar nenhum, em nenhum tempo, possivelmente em todos os lugares e em todos os tempos. Quando acorda, ele precisa encontrar um índice que lhe diga o local e a hora em que está. Pode-se dizer: mas ele se lembra. Não, não se trata de um conjunto de lembranças — ou as próprias lembranças são condicionadas por outra coisa: uma visão global, um sistema no qual elas se instalam.

Esse sistema é o corpo — Prova: se o corpo permaneceu em uma postura que não é a do sono durante a noite (insônia, braço erguido), ao acordar essa postura tem como efeito: uma má avaliação do tempo decorrido — A postura opera por seu desvio ou divergência com relação a uma postura habitual — Se ela estiver ainda mais distante da habitual (em uma poltrona), o campo é mais amplamente aberto: poltrona mágica que possibilita múltiplas inserções em pontos muito distantes do tempo e do espaço — Apreensão do corpo, de acordo com as modalidades de sua postura, em pontos absolutos do espaço e do tempo que são substituíveis nos termos dessa modalidade.

Mas mesmo na posição habitual, se o sono for suficientemente profundo, eu “abandono o plano do lugar” — No sono leve, portanto, o corpo mantém o lugar — E manter o lugar é também manter a identidade pessoal: não sabendo mais onde estou, não sei mais quem sou, estou no nada, irremediavelmente. Se eu saio disso, é porque algo é trazido a mim pelo corpo: vejo, como em um rápido flashback, toda uma série de civilizações, até que tudo se aproxima do meu tempo e ali se detém. O corpo: aqui aquele que se encaixa em um dos possíveis como a lingueta da fivela em um dos furos do cinto.

O corpo que encontramos não é um todo claramente articulado: é uma fadiga que só tem uma forma, pelo menos enquanto estiver adormecido e imóvel. Assim que está pronto para se mover, há um lugar, na forma de sua atitude, algo que anuncia um tempo, um lugar (o corpo: capacidade geral de habitar várias situações), uma casa, pensamentos de antes de dormir nessa casa — O corpo como abertura para situações totais, para tipos de situações (p. ex. comparáveis por ele e equivalentes por ele através do múltiplo do espaço-tempo), cf. nesses tipos, nessas totalidades, os detalhes não estão subordinados a uma lei nem agrupados por uma comunidade de significações: eles são reunidos por um estilo comum que, em última análise, é apenas o estilo de um tempo. Uma atitude do corpo significa existencialmente tudo o que ele continha, até [242](5) mesmo com as percepções complementares (a luz no quarto vista de fora) que não foram dadas à pessoa que estava dormindo naquele momento. É uma síntese acontecimental, não intelectual. Ela só pode ser compreendida supondo-se que todos esses setores do passado estejam presentes (não representados) no sujeito que está dormindo, de modo que ele possa, com um breve lampejo de luz, fazer aparecer tal detalhe no qual a presença do todo é atestada. O corpo aqui é o instrumento de uma presentificação de todo um setor global do passado que eu só desenvolvo quando estou acordado.

A certeza é alcançada quando o corpo “gira uma última vez” e as coisas se acomodam em seus lugares. Isso indica que o corpo não é sentido inicialmente como tendo uma posição absoluta no espaço e que não são apenas as coisas que giram em torno dele (a parede à minha frente, — ou atrás de minhas costas). Não, ele está tão deslocado quanto as coisas. O único ponto fixo é sua engrenagem nelas, definida por esta ou aquela informação que recebo sobre o estado do meu corpo durante minhas primeiras tentativas de movimento.

Ponto importante: corpo não apenas como inserção em um espaço físico, mas também em um espaço-tempo, i.e. em lugares do espaço antropológico que se situam de forma diferente de acordo

i. “Bibliothèque de la Pléiade”, vol. I, pp. 5-9.

com o momento de uma duração a que se referem. O importante é que tudo isso é concluído não por razões, mas por uma espécie de peso de possibilidades, do mecanismo metafísico. - Cf. Leibniz].

"Não se vê o que dita a escolha e por que, entre os milhões de seres humanos que poderíamos ser, escolhamos aquele que éramos na véspera" (G I, p. 79). A ressurreição no despertar, nem mais nem menos difícil de entender do que qualquer retorno do esquecido.

[O corpo e sua situação como "campo", cf. o "campo" da geometria.]

"Os lugares fixos, contemporâneos de anos diferentes, vale mais encontrá-los em nós mesmos". (G I, p. 82)^j.

P. ex. uma grande fadiga e seu "deslocamento orgânico" podem nos colocar de volta no nível das fadigas da infância e nos devolver a infância.

"Uma reminiscência irrompe em meu braço..." faz com que ele creia estar em Paris com Albertine quando está na casa de Gilberte, dormindo (TR I, p. 9).

Lembranças de um sonho que só retornam no meio da tarde, quando "o raio de uma ideia semelhante as atinge por acaso" (G I, p. 78).

"Mas se, durante o sono, meus olhos não tinham visto a hora, meu corpo soube calculá-la, mediu o tempo não em um quadrante superficialmente representado, mas pela paisagem progressiva de todas as minhas forças reconstituídas que ele, como um poderoso relógio, permitiu que descessem, paulatinamente, de meu cérebro para o resto de meu corpo, onde agora ajuntavam sua abundância intocada de provisões até acima de meus joelhos" (JF III, p. 79)^k.

[Esquema corporal e tempo: assim como há uma aderência ao espaço que funda o espaço objetivado ou pensado, também deve haver uma aderência ao tempo que dá um sentido temporal ao tempo medido. E essa aderência, esse tempo que nos aparece [243](6) todo contado, como em um taxímetro onde a corrida é transformada em xelins e pences, essa subjetividade antes da objetivação, ainda é o corpo perceptivo^{*4}].

Lembrança, "síntese da sobrevivência e do nada" (JF II, 1, p. 183), possível no mundo do sono, porque a menor dose de dor reverbera mais seguramente na máquina de viver e pensar deixada à própria sorte do que nessa mesma máquina aberta ao mundo. No mundo da vigília, onde a inteligência funciona, só existe o ser, e a lembrança de quem foi perdido se reduz à lembrança dos julgamentos tranquilizadores que ele fazia sobre nós. A verdadeira lembrança é apenas da dor que infligimos aos outros e, portanto, a nós mesmos, e é na lembrança e suas crueldades que o duplo caminho da morte, traçado em nós como por um relâmpago, realmente continua.

Os cheiros, os sabores "aguardam" "esperam" que os reconheçamos e entremos no passado por meio deles (S I, p. 73).

Mesmo sem mencionar a pluralidade das expressões ("o rosto humano é realmente... todo um conjunto de rostos justapostos em diferentes planos e que não vemos de uma só vez" JF III, p. 208), há um espanto quando vemos alguém novamente, que decorre do fato de que, assim que o vimos, nós o deformamos e, redescobrimos esse aspecto que ele de forma alguma escondeu de nós, ficamos surpresos e, ao mesmo tempo, nos recordamos dele — Finalmente, há uma surpresa que vem [daquilo] que o encontro anterior nos fez ver e esperar, precisamente porque é parcial, e está sempre em contraste com o que o novo encontro nos mostra (JF III, p. 209).

[Alguém é essa lembrança-esquecimento que, no entanto, não é destruída, e que nos fará dizer mais tarde, no decorrer de outro encontro: eu não me lembrava dele assim, mas é realmente ele, penso agora, ele é realmente assim].

j. "Bibliothèque de la Pléiade", vol. II, p. 91.

k. "Bibliothèque de la Pléiade", vol. I, p. 821.

*4. "Pode-se mostrar (Piaget) que o tempo é muito incompleto antes de ser medido - Mas o que seria medido, e seria tempo, se não houvesse primeiro uma intuição perceptiva do tempo?"

Certas lembranças são compostas como os acontecimentos: vistas sob uma luz diferente, elas nos deixam com ciúmes de uma amante que não existe mais (refletir na lembrança) (P I, p. 116).

As "lembranças" são tão arbitrárias quanto a imaginação, à distância, do que não conhecemos. Não há razão para que o real se assemelhe àquelas mais do que a esta. A lembrança não é inventiva. "Se a lembrança, graças ao esquecimento, não pôde estabelecer nenhum vínculo, lançar qualquer elo entre ela e o momento presente, se permaneceu em seu lugar, em seu tempo, se conservou suas distâncias, seu isolamento no côncavo de um vale ou no cume de um monte, ela nos faz de repente respirar um ar novo, precisamente porque é um ar que respiramos outrora...". TR II, p. 12¹.

Referência

MERLEAU-PONTY, M. 2003. *L'institution, la passivité*: notes de cours au Collège de France (1954-1955). Paris: Belin.

Submetido em 04 de julho de 2024.

Aceito em 14 de maio de 2025.

1. "Bibliothèque de la Pléiade", vol. III, p. 870.